

## Masculino em (des)construção

Por Ivana Moura<sup>1</sup>

No terceiro episódio do longa-metragem *Relatos Selvajes*, do cineasta argentino Damian Szifron, dois homens vão às últimas consequências – ou seja, à morte – para não deixar baixar a chamada virilidade que existe em cada um deles. Há alusões de classe na briga de trânsito, que desencadeia as mais ferozes emoções dos dois lados. Essa obra cinematográfica de 2014 é dividida em seis partes distintas e no segmento *El más fuerte*, esses dois motoristas se estranham na estrada, numa disputa sem volta. Um dos carros está caindo aos pedaços, enquanto o outro é um lustroso automóvel. Lembrei do filme quando assisti ao espetáculo *Boris não está pronto*, exibido na programação do *Festival*. Pelo menos duas situações da peça remetem a confusões que podem ocorrer quando algum homem se encontra revestido de automóvel – esse símbolo de poder.

A investigação do coletivo Dolores Boca Aberta, que existe desde 2000 e tem sede na periferia da zona leste de São Paulo, segue muitas nuances e camadas além da ira em situações extremas, para pensar o homem/macho e seus impasses atuais. *Boris não está pronto* já destaca desde o título que esse masculino está em processo de construção e/ou desconstrução e que a própria peça está aberta a ajustes.

A obra cênica – com direção de Luciano Carvalho e atuação de Tiago Mine, Cristiano Carvalho (Buneco), João Alves e Fernando Couto (Fê Careca) – teve como disparador principal o livro *A espuma dos dias*, do francês Boris Vian. Ou mais especificamente averigua o que existe de machismo nessa trama que adota procedimentos dos contos de fadas e do maravilhoso surrealista.

---

<sup>1</sup> Jornalista, crítica de teatro, escritora, artista e produtora cultural. Idealizadora e editora do Satisfeita, Yolanda? ([www.satisfeitayolanda.com.br](http://www.satisfeitayolanda.com.br)), site de crítica teatral e áreas afins, que funciona desde 2011. Mestra em Letras / Teoria da Literatura pela Universidade Federal de Pernambuco – UFPE (2005). Doutoranda em Artes Cênicas na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo – USP.

Algumas coisas do romance de Boris Vian vão para a cena, como atmosferas, "silhuetas" das personagens de Chloé e Colin, e algumas condições dessas figuras, como a de Colin, que vive de renda e só se vê obrigado a vender sua força de trabalho quando ela fica doente, rasgos de amor romântico, a música de Duke Ellington, também uma referência ao livro.

Na primeira cena da peça, a macheza borbulha quando um pai passeia na rua com seu filho e é desafiado por um semelhante de maior estatura, que avança de carro em alta velocidade e desfecha improperios contra a criança e seu genitor.

O ator Tiago Mine descreve a cena desse pai ameaçado de apanhar na frente do filho. O que é narrado expõe o subterrâneo de um longo percurso da formação de personalidades. Em poucas palavras e gestos vemos passar reflexos da história do patriarcado. Da ilusão dos superpoderes masculinos, que resvalam para a violência.

O ancestral monstro desperta com o desejo de subjugar o outro. No caso específico da cena, há a prole no meio e isso faz com que um deles, o paterno, recue. E, de alguma forma, se humilhe, fracasse e desabe do seu castelo erguido durante toda a vida, sustentado e alimentado pela estrutura social na qual os homens possuem dominância. O ancestral monstro é interrompido em nome da sobrevivência da criança ou, quem sabe, por buscar reposicionar a imagem de herói pai na cabeça do menino, pois, se vivo, ainda pode refazer a narrativa.

Nesse quadro do pai, a verbalização "o quê isso, cara?! Não precisa de violência!" associado ao gesto de proteção, diante do ataque do agressor maior, massacra o macho pai, na sua atuação de retroceder em uma circunstância para a qual foi treinado para ir sempre em frente, para matar o mais fraco, ainda que simbolicamente. A fala "o quê isso, cara?! Não precisa de violência!" é reiterada em outro momento. O gesto também.

Outro ator – João - destaca as fragilidades desse homem que se fudeu. Outro, Buneco, vem reforçar o quadro e o espetáculo embaralha tempos e espaços para revelar que foi por medo que, em episódio lembrado, ele, ele, ele, numa avalanche de tumulto emocional, arrebentou com aquele viado, o mesmo menino que cresceram juntos. Sangue, porrada. O que é contado é assustador.

Um tensionamento opressor-oprimido. O mesmo homem, dois episódios. Num, ele recua pelo filho. Noutro, ele segue animalesco pelo medo do outro, pois em fração de segundos foi acionado um mecanismo irrefreável de absurda barbárie. São revelações contraditórias dessa figura referida na cena em teias alucinantes.

O diretor diria depois que o grupo se desafiou a fazer uma narrativa da covardia e da impotência e não de um orgulho. *Bóris não está pronto*.

Faço uma reflexão – do exposto até aqui – de que existe uma vontade do Dolores Boca Aberta em encarar a complexidade desse universo. O desafio dos camaradas do coletivo em enfrentar o machismo pela perspectiva do homem, ou seja, deles mesmos, homens cis, brancos, que fazem teatro na periferia, de escolaridade superior, situados no campo da esquerda progressista, envolvidos em lutas sociais; com lugar de fala e algumas articulações.

A encenação de *Boris* é um sinal de que a investigação cai bem no teatro. Demorou! Mas muitas estátuas ainda precisam ser derrubadas.

Vamos ao prólogo. A peça apresenta o *Gererê* cantado em coro na levada do repente na batida do pandeiro, quando os quatro atores entoam em coro ou saem com puxadas individuais. O *Gererê* é uma bizarrice, na minha opinião, que anuncia em tom de deboche que o falante comeu o cu de alguém, comeu a irmã ou a mãe do outro, de características extremamente misóginas e machistas. Uma “brincadeira” que já foi bem comum no século passado entre pré-adolescentes ou adolescentes, excitados com verbalização pública do sexo “roubado” como um troféu.

Confesso que esse prólogo me incomodou. Não entendo e chegou uma irritação por isso, de um grupo de pesquisa abrir o espetáculo com uma demonstração cantada em forma de verso (ruim), de uma violência que perpassa o imaginário de muitos. Para demonstrar a narrativa de abusos machistas? Já sabemos de todos os jeitos, não há necessidade que venha se impor novamente.

Acho desproposital repetir. Ou isso seria a síntese da desconstrução? E essa não é uma pergunta retórica!

A apresentação de *Boris não está pronto* foi uma experiência complexa de fruição em várias escalas. Talvez a mais inquietante do festival. Estou falando dos meus atravessamentos e dos depoimentos de outras mulheres após a sessão. Para

se ter uma ideia, a montagem tem 60 minutos de duração e o debate demorou quase uma hora e meia, acalorado, e com uma festa lá fora esperando para começar assim que acabasse a conversa. As falas giraram em torno das muitas opressões exercidas pelos homens ainda no século 21, com o procedimento da crueldade machista na morte das mulheres.

O grupo ponderou muitas questões, pertinentes, e eles são estudiosos, e falam bem, e têm argumentos. Belê. A chave da condenação não cria vias de acesso para um diálogo, sabemos. Mas como foi dito por uma garota, não sentimos pena desses homens quando eles se quebram na sua lógica/ilusão de superioridade. “O machista, ou o machão é antes de tudo um covarde”, disse o diretor. Ponto de concordância. Vamos avançar? O debate segue.

Em termos de imagem da realidade, os tipos da peça andam sobre a linha tênue que aparta a civilização da barbárie. Um treco cotidiano, a suspeita alucinante da traição amorosa, um pequeno mal-entendido pode deixar a criatura fora de controle.

Nessa leitura crítica e poética do mundo feita pelo coletivo Dolores Boca Aberta entendi que a proposta era dissecar essa chaga, mas me chega mais a exposição de fragilidades e reivindicações de acolhimento. Como está organizada a realidade é uma demanda intrincada, que requer contrapartidas à altura dos estragos já feitos.

São muitas escavações empreendidas pelo grupo. O espetáculo trabalha em várias texturas artísticas. Há, por exemplo, a cena coreográfica do treino de pêndulo de boxe que se transforma em dança, com a música em off dizendo “ele não bebe, não fuma e não fode”. É muita dramaturgia.

Em outra cena, uma caixa de som com pedestal vai sendo vestida de roupas femininas para a montagem de uma figura de mulher. Um ator canta à capela *Sete Mil Vidas*. Depois outro ator dialoga com a caixa de som com o vestuário feminino. O ator e a caixa de som assumem uma conversa de dois ricos, que passeiam por uma estrada. Deslocados da realidade do mundo do trabalho, falam sobre o que é ser trabalhador, num diálogo surreal. A conversa aponta para Chloé e Colin, do romance já citado de Boris Vian. Colin tinha uma fortuna que era suficiente para viver com conforto a vida inteira, sem trabalhar para os outros. Chloé ficou doente e ele usou o dinheiro para o tratamento, mas isso é outra história.

Essa cena investe em problematizar o capitalismo e a alienação do trabalhador. No caso, da perspectiva de quem detém a fortuna. E a mulher mostra-se fútil.

Outra cena situada numa comedoria mostra dois trabalhadores igualmente explorados. Um consegue pagar o lanche. O outro, nem isso, enquanto delira e refuta, projeta e rejeita dar um cano no cara da lanchonete.

Entre a mimetização do gesto submisso “Quê isso, cara?! Não precisa de violência!”, há a revelação das pulsações desse homem que desce ao porão de suas criações. “O mundo dos homens é feito dessas coisas gostosas e quentes, mas elas quebram sem aviso, e queimam e matam”, narra o ator. “Somos Teseu morto, Minotauro triste, senhor do próprio labirinto”. Muito a pensar.

O epílogo evidencia a pesquisa do papel do trabalho na transformação do homem em coisa. Na negociação, o contratante avisa que as mulheres não são talhadas para determinados postos, feito a indústria bélica. “Constatamos, faz muito tempo, que é preciso calor humano. Isso vale para todas as armas”. E prossegue dizendo que as mulheres não prestam para fazer o trabalho. “Não têm o peito chato o bastante para que o calor se espalhe direito”. Pela energia vital que vai fornecer para a produção de armas, o homem vai ganhar dez dobrezões por dia e um bônus.

A poética do texto é sedutora, faz boa defesa das ideias. A peça tem apelo visual. Os corpos bem ensaiados compõem fortes imagens no quadro. Os elementos da composição da narrativa garantem os climas da cena. A trilha sonora traça sua dramaturgia e a música *Chora pedra* é bem tocante e convincente na defesa de Boris inacabado.

Enquanto *Boris não está pronto, é um vir a ser, figura em movimento, em busca de um encontro, um acabamento não determinado* quais deveriam ser as atitudes das outras com as quais ele pode se relacionar? As outras que podem ser vítimas de sua masculinidade em processo, mas com as marcas machistas do patriarcado? São perguntas que me vem a partir da peça.

Como foi dito pelo grupo no debate após apresentação, o machismo é uma chaga de toda a sociedade. Mas dito dessa forma, parece que as responsabilidades são iguais para todos. Não creio. O feminicídio, como foi salientado por várias

mulheres na conversa, é uma prepotência brutal cometida na esmagadora maioria das vezes por homens. Ir para o enfrentamento chega como uma atitude dos que têm consciência e querem mudar a realidade, mas nem por isso merecem insígnias.

Parece que há algum subtexto que diz que os rapazes que se esforçam por se desconstruir estão fazendo a revolução. Essa é uma questão delicada.

Houve um lance estatístico no debate: foi dito que os homens são mais assassinados que as mulheres. Sim, homens jovens, pretos e pobres. Mas talvez seja preciso refletir sobre as questões. Mesmo que esse dado não esteja na peça: não são mulheres, cis ou trans, quem matam esses homens.

E como já ensinou a teórica feminista e professora estadunidense Kimberlé Crenshaw, a conceituação chamada interseccionalidade aponta para as implicações estruturais e dinâmicas das opressões que se interligam. De classe, de raça de gênero, etária, etc. E não são os homens em desconstrução os que mais sofrem com essas guerras de eixos da subordinação. Que o digam as mulheres pretas, periféricas e pobres deste mundo.